



Quando a mão de Deus tocou o “rei do aborto”

O que pode levar um poderoso e reconhecido médico abortista a converter-se num forte defensor da vida e abraçar os ensinamentos de Jesus Cristo?

Pode ser que tenha sido o peso de sua consciência pela morte de 60 mil nascituros ou talvez as muitas orações de todos os que rogaram incessantemente pela sua conversão.

Segundo Bernard Nathanson, o famoso "rei do aborto", a sua conversão ao catolicismo seria inconcebível sem as orações que muitas pessoas elevaram a Deus pedindo por ele. "Estou convencido de que as suas preces foram escutadas por Ele", disse Nathanson emocionado, no dia em que o Arcebispo de Nova York, o falecido Cardeal O'Connor, o batizou.

Filho de um prestigiado médico ginecologista a quem o ambiente céptico e liberal da universidade fizera abdicar da sua fé, Nathanson cresceu num lar sem fé e sem amor, onde imperavam muitos conflitos e ódio.

Profissional e pessoalmente Bernard Nathanson seguiu durante uma boa parte de sua vida os passos do seu pai. Estudou medicina na Universidade de McGill (Montreal), e em 1945 começou a namorar Ruth, uma jovem e bela judia com quem fez planos de matrimónio. Porém a jovem ficou grávida e quando Bernard escreveu para o seu pai consultando-o sobre a possibilidade de contrair matrimónio, este enviou-lhe cinco notas de 100 dólares junto com a recomendação de que escolhesse entre abortar ou ir aos Estados Unidos para casar-se, pondo em risco a brilhante carreira como médico que o aguardava.

Bernard deu prioridade à sua carreira e convenceu Ruth a abortar. Ele não a acompanhou à intervenção abortiva e Ruth voltou à sua casa sozinha, de táxi, com uma forte hemorragia, quase a ponto de perder a vida. Ao recuperar-se - quase milagrosamente - terminaram sua relação. "Este foi o primeiro dos meus 75.000 encontros com o aborto, serviu-me de excursão inicial ao satânico mundo do aborto", confessou o Dr. Nathanson.

Mas foi em 1971 que Nathanson se envolveu directamente com a prática de abortos. As primeiras clínicas abortistas de Nova York começavam a explorar este negócio e, em muitos casos, o seu pessoal carecia da licença do Estado ou de garantias mínimas de segurança. Como foi o caso da que dirigia o Dr. Harvey. As autoridades estavam a ponto de fechar esta clínica quando alguém sugeriu que Nathanson se encarregasse da sua direcção e funcionamento. Enquanto esteve neste cargo, ocorria o paradoxo incrível de que havia naquela clínica um sector de obstetrícia: isto é, faziam-se partos normais ao mesmo tempo que se praticava abortos.

Por outro lado, Nathanson realizava uma intensa actividade dando conferências, celebrando encontros com políticos e governantes, pressionando-os para que fosse ampliada a lei do aborto.

"Estava muito ocupado. Quase não via a minha família. Lamento amargamente estes anos, nem que seja só por ter fracassado em ver meu filho crescer. Também era um segregado na profissão médica. Era conhecido como o rei do aborto", afirmou. Nathanson realizou mais de 60.000 abortos, mas no fim do ano de 1972, esgotado, demitiu-se do seu cargo na clínica.

"Abortei os filhos dos meus amigos, colegas, conhecidos e inclusive professores. Cheguei ainda a abortar o meu próprio filho", conta o médico, lembrando uma mulher que gostava muito dele, ficou à espera de um filho seu e que queria aquele bebé, que o médico negou: "Já que eu era um dos especialistas no tema, eu mesmo realizaria o aborto, expliquei. E assim procedi."

Entretanto, depois deste acontecimento as coisas começaram a mudar. Deixou a clínica abortista e passou a ser chefe de obstetrícia do Hospital St. Luke's. Uma nova tecnologia, a ecografia, começava a aparecer no ambiente médico. No dia em que Nathanson pôde observar o coração do feto nos monitores electrónicos, começou a perguntar-se "o que estamos verdadeiramente a fazer na clínica?".

Decidiu reconhecer o seu erro. Na revista médica *The New England Journal of Medicine*, escreveu um artigo sobre sua experiência com as ecografias, reconhecendo que no feto existia vida humana. Incluía declarações como a seguinte: "o aborto deve ser visto como a interrupção de um processo que de outro modo teria produzido um cidadão no mundo. Negar esta realidade é o tipo mais grosseiro de evasão moral".

Aquele artigo provocou uma forte reacção. Nathanson e a sua família chegaram a receber ameaças de morte mas a evidência de que não podia continuar a praticar abortos impôs-se. Tinha chegado à conclusão que não havia nenhuma razão para abortar: o aborto é um crime.

Pouco tempo depois, uma nova experiência com as ecografias serviu de material para um documentário que encheu de admiração e horror o mundo. Intitulava-se "O grito silencioso", e sucedeu em 1984 quando Nathanson pediu a um amigo seu - que praticava entre 15 a 20 abortos por dia - que gravasse a intervenção.

"Assim o fez - explica Nathanson- e, quando viu a gravação comigo, ficou tão afectado que nunca mais voltou a realizar um aborto. As gravações eram assombrosas, apesar de não serem de boa qualidade. Seleccionei a melhor e comecei a projectá-la nos meus encontros pró-vida por todo o país".

Retorno do filho pródigo

Nathanson tinha abandonado sua antiga profissão de "carniceiro humano" mas o seu caminho de volta a Deus ainda estava pendente. Uma primeira ajuda veio de um professor universitário que admirava, o psiquiatra Karl Stern.

"Transmitia uma serenidade e uma segurança indefiníveis. Nessa época não sabia que em 1943, após longos anos de meditação, leitura e estudo, se tinha convertido ao catolicismo. Stern possuía um segredo que eu tinha buscado toda a minha vida: o segredo da paz de Cristo".

O movimento pró-vida tinha-lhe proporcionado o primeiro testemunho vivo da fé e do amor de Deus. Em 1989 estive numa acção de Operação Resgate nos arredores de uma clínica. Os que ali se manifestavam pacificamente a favor da vida dos nascituros tinham-no comovido: estavam serenos, alegres, cantavam, rezavam... Os meios de comunicação que cobriam o evento e os policiais que vigiavam estavam assombrados pela atitude daquelas pessoas. Nathanson ficou cativado: "Pela primeira vez em toda minha vida de adulto comecei a considerar seriamente a noção de Deus, um Deus que tinha permitido que eu andasse por todos os proverbiais circuitos do inferno, para ensinar-me o caminho da redenção e da misericórdia através da sua graça".

"Durante dez anos passei por um período de transição. Senti que o peso dos meus abortos se fazia mais grave e persistente pois todos os dias eu acordava às 4 ou 5 da manhã, a olhar para a escuridão e à espera (ainda sem rezar) que se iluminasse um letreiro declarando-me inocente ante um júri invisível", conta Nathanson.

Um dia, o médico lê "As Confissões", de Santo Agostinho, livro que qualificou como "alimento de primeira necessidade", convertendo-se no seu livro mais lido, já que Santo Agostinho "falava do modo mais completo de meu tormento existencial; porém eu não tinha uma Santa Mónica que me ensinasse o caminho e estava acusado por uma negra desesperança que não diminuía".

Nesta situação não faltou a tentação do suicídio mas, afortunadamente, decidiu buscar uma solução diferente. Todos os seus "remédios" falhavam: álcool, tranquilizantes, livros de auto-estima, conselheiros, até a psicanálise, que fez durante 4 anos.

O espírito que animava aquela manifestação pró-vida encaminhou a sua busca. Começou a conversar periodicamente com um Padre. Não lhe era fácil crer mas permanecer no agnosticismo levava ao abismo. Progressivamente descobria-se a si mesmo e tinha o apoio de alguém para quem cada segundo da sua existência era importante. "Já não estou sozinho. O meu destino foi dar voltas pelo mundo à procura deste Alguém sem o qual estou condenado, porém a que agora me agarro desesperadamente, tentando não largar a orla do seu manto".

Finalmente, no dia 9 de Dezembro de 1996, às 7:30 de uma segunda-feira, solenidade da Imaculada Conceição, na cripta da Catedral de São Patrício de Nova York, o Dr. Nathanson convertia-se em filho de Deus. Entrava no Corpo Místico de Cristo, a sua Igreja, recebendo os sacramentos do Baptismo, Confirmação e Eucaristia.

Um amigo testemunha este momento: "Esta semana experimentei com uma evidência poderosa e fresca que o Salvador que nasceu há 2.000 anos num estábulo continua a transformar o mundo. Observei como Nathanson caminhava até o altar. Que momento! Tal qual no primeiro século... um judeu convertido caminhando nas catacumbas para encontrar Cristo. E sua madrinha era Joan Andrews, uma das mais destacadas e conhecidas militantes do movimento pró-vida... A cena queimava-me por dentro, porque mesmo por cima do Cardeal O'Connor, que lhe administrou os sacramentos, havia uma Cruz... Olhei para a Cruz e percebi que o Evangelho ensina a verdade: a vitória está em Cristo".

As palavras de Bernard Nathanson no fim da cerimónia, foram curtas e directas. "Não posso dizer como estou agradecido a todos os que rezaram por mim durante os anos em que me proclamava ateu. Rezaram teimosa e amorosamente por mim. Estou totalmente convencido de que suas orações foram escutadas. Conseguiram lágrimas para os meus olhos".